

Apresentação

História – Revista da Faculdade de Letras é uma revista científica, historicamente orientada, mas que inclui igualmente análises comparativas e multidisciplinares. Publicada em suporte eletrónico desde 2017, é com reconhecido júbilo que a Direção anuncia que este é o primeiro número que se publica após a aprovação para indexação na Scopus, a maior base de dados científica do mundo, desenvolvida pela Elsevier e que compreende milhares de títulos e editoras internacionais. Uma das justificações dadas pelo organismo que avalia os pedidos de indexação – Scopus Content Selection & Advisory Board (CSAB) – refere expressamente que a Revista “consistently includes articles that are academically sound and relevant to an international academic or professional audience in the field”. Com a disponibilização da Revista neste sistema de avaliação científica, reforça-se a sua credibilidade científica, com impacto na visibilidade do trabalho publicado junto da comunidade académica internacional. Só nos resta, pois, fazer mais e melhor...

O presente número mantém uma estrutura semelhante à dos anteriores, com três partes distintas. O dossiê temático, que abre a Revista, inclui contributos variados sobre *Fronteiras*. Da Idade Média aos nossos dias, os sete estudos debruçam-se sobre diferentes tipos de fronteira e modos de a pensar, indo assim ao encontro ao desafio colocado pela “chamada de artigos”, sem, contudo, como era previsível, esgotar o tema. Na rubrica “Outros Estudos” publicam-se dois trabalhos com características muito diversas. No primeiro, Eva Gómez Fernández refere-se a “Blas Piñar al frente del Instituto de Cultura Hispánica (1957-1962)”, explorando o papel por ele desempenhado no Instituto de Cultura Hispânica (ICH) entre 1957 e 1962, nomeadamente reformulando o conceito de Hispanidade para promover a colaboração política, intelectual e militar da Espanha com a América Latina. O segundo estudo (“El Movimiento Comunista (MC). Una experiencia maoísta en la Transición Española”) resume de forma sucinta a história do Movimento Comunista na Transição Espanhola. O seu Autor, Ernesto M. Díaz Macías, procura demonstrar que há uma flutuação das referências ideológicas à medida que o contexto muda. Finalmente, a Revista publica, pela mão de Flávio Miranda, João Pedro Alves e Filipe Conceição, três resenhas a obras recentemente publicadas, com manifesto interesse para a comunidade científica em geral.

A terminar esta breve Apresentação, a Direção da Revista dirige uma palavra de reconhecimento não só aos numerosos avaliadores envolvidos, como também, e talvez

sobretudo, a quatro membros da Comissão Editorial que se encarregaram da ligação entre os Autores e a Revista: nunca será demasiado realçar o trabalho incansável das Doutoradas Carla Sequeira, Maria João O. Silva e Lisbeth Rodrigues e do Doutor Sérgio Neto, que tudo fizeram para que este número fosse dado à estampa em tempo útil.

A Comissão Editorial
Maria Cristina Cunha
Carla Sequeira
Jorge Cerdeira
Lisbeth Rodrigues
Maria Antonieta Cruz
Maria João Oliveira Silva
Sérgio Neto
Jorge Ribeiro

Dossiê Temático

O conceito *fronteira* tem sido utilizado em muitos sentidos e aproveitado em abordagens científicas sobre os mais variados temas. De facto, a evolução do conceito deriva da diferente utilização da própria palavra, desde a Idade Média até aos nossos dias, motivo pelo qual inúmeros investigadores se têm dedicado ao debate sobre o significado de *fronteira* ao longo dos tempos e em diferentes espaços.

Recentemente, a palavra tem assumido, com frequência, o significado de limites (*boundaries*), ou seja, de fim de uma e início de outra unidade, normalmente territorial, mas podendo também referir-se a outros aspetos da vida social, política, económica e cultural da Humanidade. Neste sentido, atualmente o conceito *fronteira* implica uma quantidade variável de inter-relações entre duas ou mais partes distintas de um todo mais global, constituindo espaços vivos, onde se realizam trocas e relações culturais, políticas, sociais, económicas, militares ou outras.

Por tudo isto, o tema *fronteira* continua a provocar a reflexão da comunidade científica, sobretudo em tempos em que tanto se discutem as permeabilidades culturais e a abertura de territórios a “estrangeiros”. As reflexões que o tema sugere são muitíssimo amplas, como os vários estudos publicados neste dossiê temático mostram à saciedade.

Assim, no primeiro estudo, de Ricardo Seabra, constata-se a existência de fronteiras regionais nos documentos notariais do Norte de Portugal dos séculos XIV e XV, patente não só nas características dos próprios notários (nomeação e titulação que utilizam), mas também nas fórmulas diplomáticas e nos valores cobrados pela lavra de cada escritura. Também dedicado à época medieval, o estudo de António Rosa Marques aproveita as dúvidas relativas à data de construção do convento do Carmo, na vila de Moura, para refletir sobre a indefinição de fronteiras no contexto da política peninsular da segunda metade do século XIII.

Rita Ferreira da Costa, no estudo “Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)”, mostra-nos como, em espaços reduzidos e bem definidos, rodeados de paredes físicas, as fronteiras podem ser permeáveis. Tal acontecia em, pelo menos, dois recolhimentos femininos do Porto dos séculos XVII e XVIII, destinados a acolher mulheres em situação de vulnerabilidade motivada pelas razões mais diversas (viuvez, orfandade ou afastamento temporário do elemento masculino). Nestas instituições, através de uma metodologia comparativa, foi possível à Autora verificar a existência de fronteiras sociais, de distinção e de seleção do público feminino. Mas, por outro lado, o entrecruzamento de mulheres de distintas condições sociais, bem como as redes de sociabilidade estabelecidas entre os recolhimentos e algumas instituições conventuais, sobretudo no Norte de Portugal, demonstram a permeabilidade das aparentes fronteiras existentes em instituições de clausura.

Do outro lado do oceano, Héliida Santos Conceição e Híquel Moreira apresentam o estudo “Entre a carta e a flecha: Senhorios coloniais e indígenas nas fronteiras dos sertões da capitania da Bahia (1650-1680)”, no qual investigam os conflitos e as dinâmicas das fronteiras nos sertões da capitania da Bahia através do significativo aumento das concessões de sesmarias na década de 1670. Os Autores procuraram demonstrar como a fronteira, não precisa de ser física podendo ser fruto das relações de poder entre os homens e o espaço, sendo de natureza instável, reversível e contingente, baseada no modo como as propriedades agrícolas na região do Rio Paraguaçu se instalaram, processo que terá permitido a formação de uma fronteira destinada a manter os indígenas afastados das vilas e freguesias do Recôncavo.

Já no âmbito da História contemporânea, o dossiê inclui, a partir de um estudo de caso, uma importante reflexão sobre as pontes como vínculos mediadores entre História

e memória, abrindo um leque de potencialidades para uma escrita da História abrangendo diferentes perspetivas. Em “Pontes sem fronteiras: memória e solidariedade na região minhota durante a Guerra de Espanha”, Duarte Viana faz uma aproximação ao significado da Ponte Internacional de Valença na História, referindo-se à solidariedade prestada aos refugiados da Guerra Civil de Espanha nessa região, que terá suscitado o estabelecimento de uma identidade modelada por um processo de socialização política.

A construção discursiva da imprensa portuguesa no colapso de fronteiras na Europa de 1938, projetando a Península Ibérica como espaço simbólico e geopolítico é o tema do estudo de Paulo Cracel, revelando como os discursos da imprensa se ajustaram aos estímulos do Estado Novo. “Alinhamentos políticos e discursos editoriais: a imprensa portuguesa, a Península Ibérica e a crise das fronteiras europeias no prelúdio da Segunda Guerra Mundial” centram-se na cobertura dos eventos da anexação da Áustria e da crise dos Sudetas, ao mesmo tempo que se evidenciam quadros noticiosos e a instrumentalização ideológica destes eventos. Neste contexto, a imprensa surge como instrumento de mediação política e cultural, espelhando e reforçando as estratégias discursivas do Estado Novo face à incerteza de um continente no limiar da guerra.

O último artigo do dossiê temático, da autoria de Valdir Macedo Neto, analisa a atuação de Pedro Braga enquanto mediador na fronteira entre oralidade, escrita, memória e História, focando no seu papel como preservador da cultura do povoado do Vau, em Diamantina, estado brasileiro de Minas Gerais. Em “Pedro Braga: fronteiras entre oralidade, escrita, história e memória”, o Autor realça a importância de um indivíduo que transita entre mundos distintos, preservando, reinterpretando e garantindo a continuidade das narrativas culturais do Vau, mesmo que num contexto de declínio da tradição oral.

Maria Cristina Cunha e Jorge Ribeiro
(Coordenação do Dossiê Temático)
Porto, junho de 2025